



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

CIDADE DE TOUROS, RN, 29 DE MARÇO DE 1996

Senhores;

Hoje à tarde, nós estávamos lá em Açú, para inaugurar o Canal de Pataxó e eu pedi licença ao Governador para alterar o modo como, normalmente, nos referimos uns aos outros, quando começamos um discurso, em que é natural que a primeira autoridade seja a primeira referida. Pedi licença para citar em primeiro lugar o Arcebispo, um padre e um bispo, pela luta que eles travaram – sobretudo o Monseñor Expedito – para que houvesse a possibilidade de que o reservatório imenso que estava disponível na região fosse utilizado através de adutoras, através de canais e se transformasse, realmente, numa fonte de vida.

Pois bem, Governador, peço outra vez licença, agora para me dirigir, em primeiro lugar – e saudá-lo, em primeiro lugar –, ao povo desta comunidade, o povo que aqui está, esse povo que, com o seu exemplo de luta, de trabalho, de confiança, dá a todos nós a certeza de que os nossos filhos terão um Brasil melhor. E terão um Brasil melhor porque esse povo, hoje, Governador, sabe o que deseja. Não

há lugar aonde o Presidente da República vá que não encontre, ao mesmo tempo, o apoio sincero, espontâneo, do povo mais humilde, do povo mais simples e também a palavra de reivindicação.

E isso é bom. Isso é bom, Governador. Nós, que somos calejados na vida política, que fomos colegas no Senado e que, agora, estamos aqui cercados de senadores e deputados, sabemos que, se não houver disposição no próprio povo para exigir uma ação mais enérgica, será difícil coordenar tudo e fazer com que todos se motivem da maneira que é necessária.

Ali está escrito: “A comunidade escolar reivindica melhores salários para os professores.” E tem razão. Agora, peço que, juntos, a comunidade escolar e o Governo, peçamos aos nossos deputados e, mais tarde, aos nossos senadores que votem já a emenda constitucional que o Ministro da Educação mandou para lá, com o meu apoio, para que haja um salário básico de, pelo menos, 300 reais para cada professor. Está no Congresso. E o Governo Federal se compromete a complementar – porque todos nós sabemos que o município e o Governo do Estado não terão recursos –, de tal maneira que a média do que recebe um professor aqui nesta região, que é a mais pobre do Brasil, que é o Nordeste, possa se aproximar pelo menos desse patamar que dá um mínimo de dignidade ao professor, que trabalha com afinco e que cuida das nossas crianças e, portanto, do futuro do Brasil.

Então, é esse povo, composto de pescadores, de professores, de mães de família, de estudantes, que eu saúdo em primeiro lugar.

Dito isso, quero fazer uma referência muito especial ao Governador Garibaldi Alves, porque está tendo coragem. Está tendo coragem de enfrentar situações extremamente difíceis, que foram criadas não por ele e nem pelos que o antecederam, mas por toda uma situação brasileira, que levou a uma grande desordem financeira no Brasil e a uma quase impossibilidade de a administração pública fazer-se de forma correta, racional e direta.

Para que nós possamos, juntos – e sublinho: juntos; e aí me refiro, também, ao Governador da Paraíba, José Maranhão, que também foi deputado e nos dá a honra, hoje, da companhia –,

alterar essa situação, precisaremos de muita coragem, de muita energia e de muito apoio, apoio e compreensão do povo. Isso para que, quando estivermos pedindo, como estamos, reformas, entendam que são reformas para amanhã podermos ter um Brasil melhor, melhor para o povo, e não para os funcionários apenas, e não para os privilegiados, e não para aqueles que, hoje, usam palavras demagógicas para se opor às reformas, fazendo de conta que as reformas vão prejudicar o povo. Na verdade, elas se fazem para permitir que os governos possam, com maior tranqüilidade, dedicar mais recursos à escola, à educação, às estradas, à saúde. E é isso que nós precisamos fazer.

Então, quero dizer que o Governador Garibaldi, e eu estendo ao Governador do Maranhão estas palavras, são pessoas que compreenderam o momento. O Governador Garibaldi está lutando, está fazendo com que, hoje, haja aqui um sentimento de que vamos avançar.

Quero saudar, também, os Ministros que me acompanham: Ministro Paulo Paiva, Ministro Lucena, Ministro do Nordeste, da Integração Regional; o Ministro Krause, Ministro do Meio Ambiente que está propiciando essa possibilidade de algumas mudanças essenciais nessa área; o Ministro Sérgio Amaral, da Comunicação Social, que é quem está permitindo que se entenda um pouco melhor o que está acontecendo no Brasil.

Quero saudar, também, os senadores do Rio Grande do Norte. E, aqui, me permitam, vou repetir: é difícil encontrar senadores, como aqui, cada um de um partido, que eventualmente podem ter lá suas diferenças, mas que tenham a compreensão e a capacidade de separar o que é interesse pessoal do que é interesse público e ficar sempre com o interesse público.

São três grandes senadores os senadores do Rio Grande do Norte. Eu os saúdo aqui, muito efusivamente, aos três. O Governo da República teve demonstrações inequívocas de seu espírito público na defesa dos projetos que são mais complexos e com as quais, nos momentos mais difíceis, nunca faltaram ao Governo Federal.

Saúdo os deputados que nos acompanham, federais e estaduais. E não podia deixar de mencionar o Dr. Byron, que tem feito uma administração renovadora no Banco do Nordeste.

Acabou a fase de empréstimos políticos. Acabou a fase de jogar dinheiro do povo na mão de poucos, que depois não pagam o empréstimo. Isso, não. Agora é empréstimo para quem paga e precisa.

Já foi dito aqui, e é verdade. Muito freqüentemente, o dinheiro é dado somente quando as pessoas não precisam. Aí têm crédito alto. Quando estão na pior, não têm crédito. Não pode ser assim.

Eu me recordo de que, logo no início do Governo, fui ao Amazonas e, lá no Amazonas, encorajei uma idéia que hoje viceja em algumas partes do Brasil, que é a de fazer o que eu chamei, na época, de um banco do povo. Pedi até ao Comunidade Solidária que encorajasse essas ações de um banco do povo. Banco do povo são organizações simples, da própria sociedade civil, não do Governo, que emprestam rotativamente para pessoas que não têm nem garantias; uma dá garantia à outra.

Pois bem, agora, aqui, um fato mais complexo do que isso. São empréstimos, já vultosos, que são dados àqueles que trabalham, quebrando-se uma tradição de só dar dinheiro a quem não precisa. Aqui se deu dinheiro a quem precisa, aqui se deu dinheiro a quem trabalha.

Ao ver esses barcos lá no mar, ao ver este barco que aqui está, ao entregar, simbolicamente, a chave de um dos barcos a um dos pescadores, ao ouvir as palavras do Paulo da Cruz Sales, que aqui nos saudou, ao sentir que a comunidade de Boné Azul é uma comunidade na qual o Banco do Nordeste confiou, eu vi por que ele confiou: porque é gente do povo, que trabalha, que é honesta e que vai fazer tudo para melhorar na vida e vai pagar aquilo que está devendo. Pode parecer fácil e simples, mas é muito difícil, em um país que, como disse o Governador, tem tradição de injustiça social, atender à necessidade daqueles que não estão lá em cima, nos palácios, e não têm os meios de que dispõem os poderosos, de influenciar em toda parte, na mídia, nos congressos, nos escritórios ministeriais.

Aqui, dos que receberam esses empréstimos talvez nenhum tenha pisado em Brasília. É melhor ficar por aqui, porque a praia é mais bonita. Quisera eu estar aqui com vocês. Mas, certamente, os empréstimos serão saldados de outra forma.

Eu queria me referir, também, ao fato de isso aqui ser feito nas prefeituras. Está aqui o Prefeito de Touros, Eriberto Ribeiro de Oliveira, e também o Prefeito de Extremós, que é o Domingo Xavier de Oliveira. Ambos aqui representam suas comunidades. Sei que aqui há Cajueira, há Pitangui, há muitos nomes que eu não quero nem dizer porque posso me atrapalhar. São muitas as comunidades que estão se juntando, estão se organizando, estão entendendo que o caminho é gerar empregos e melhorar a condição de trabalho.

O Ministro do Trabalho, Paulo Paiva, na simplicidade dos dados que ofereceu, mostrou que, com o esforço que está sendo feito através desses programas, estamos gerando 200 mil empregos no Nordeste.

É muito? É pouco? Não sei. Estamos gerando e vamos gerar mais empregos. E vamos gerar empregos de toda a forma, seja na indústria mais complexa, seja nos projetos de irrigação, seja nos projetos de apoio à comunidade. E vamos gerar empregos porque é fundamental para o Brasil. Gerar emprego quer dizer crescimento econômico, quer dizer desenvolvimento.

Nós estamos colocando à disposição do Nordeste – corrigiu-me aqui o Presidente do Banco do Nordeste –, além dos 260 milhões de reais mencionados pelo Ministro, outro tanto que o Banco do Nordeste complementa. É mais de meio bilhão de reais para o Nordeste. Para quê? Para gerar empregos. E gerar empregos não é mágica: é trabalho, trabalho organizado, é convencimento, é ter confiança uns nos outros, fazer com que as coisas avancem porque se aposta que as pessoas vão cumprir aquilo que prometeram, aquilo que ofereceram.

O Brasil precisa disso. O Brasil precisa da disposição de cada um de nós de continuar servindo ao País através da dignidade do trabalho.

Aqui se pede seguro-desemprego “já”. Não sei por que não foi “ontem”. Mas esse não é um *slogan* que nós devêssemos querer ter no futuro. Queremos, sim, mais empregos, e não desemprego. O

seguro-desemprego é um quebra-galho que deve ser usado, mas usado provisoriamente, para que se possa ter realmente um emprego, e um emprego que dê sustentação à família.

Aqui o que conta é que o peixe que era vendido a R\$ 1,50, R\$ 0,80, R\$ 2,50, com a situação um pouquinho melhor, hoje, porque temos o barco, porque temos o frigorífico, porque temos a camioneta, vai lá para Natal, onde se vende a R\$ 2,50, R\$ 3,50 – não pode subir muito, também, senão o povo lá vai reclamar; mas tem que ter uma remuneração condigna. E, se a remuneração do pescador pode chegar a 500 reais – e vamos fazer força para que chegue, na base dessas novas condições de trabalho –, aquele que tem o barco vai ter remuneração ainda melhor do que isso, vai gerar mais recursos, que vão ficar aqui na comunidade. É assim que se transforma o Brasil, é assim que se transforma a realidade em todas as frentes.

Quando estive no Japão, como aqui disse o Dr. Byron, Presidente do Banco do Nordeste, lá fomos pedir recursos. Para quê? Entre outras coisas, para gerar pequenos empregos. E pedimos, também, para as grandes obras. Pedimos, também, porque o Brasil está passando por uma grande transformação tecnológica. Mas não podemos esquecer que, se não houver complementação da grande obra, da indústria complexa, com a ação artesanal, com a ação familiar, com a ação da comunidade, com a ação que realmente possa ser da base da sociedade, nós não vamos resolver o problema do emprego. E nós precisamos e vamos avançar nessa direção.

Esta manhã, eu descí em Petrolina. Lá em Petrolina, também fomos liberar recursos que vão permitir ampliar as experiências de irrigação e a utilização, com melhor qualidade, de frutas das áreas irrigadas, como há no Rio Grande do Norte. E, ao saudar-me, o Deputado Osvaldo Coelho disse que, por causa do Real, eu era o inimigo número um da fome. Isso me comoveu. Mas, pensando bem, não se trata de ser o inimigo número um da fome. É outra a questão. E não é uma pessoa: somos todos nós, juntos. Nós temos que fazer uma guerra é contra a pobreza, para eliminar a pobreza no Brasil, com firmeza. E nós, hoje, porque o País é desenvolvido e injusto, mas já é um país com certa base

de desenvolvimento, temos condições de efetivamente trabalhar para que haja um nível de renda mais adequado ao povo brasileiro.

É verdade que nunca houve, talvez, uma distribuição de renda tão persistente quanto a que o Real proporcionou. Hoje, as pessoas sabem que o salário é estável. Hoje, as pessoas sabem que a cesta básica de consumo não sobe de preço praticamente há dois anos. Hoje, as pessoas sabem que podem calcular, economizar um pouquinho e comprar, amanhã, uma máquina de costura ou, quem sabe, um liquidificador ou o que seja. Melhorou, sim. Os dados são claros nesse sentido. E come-se um pouquinho melhor.

Mas isso é muito pouco ainda. Isso é apenas o começo de uma possibilidade que nós temos que criar. Ninguém vai criar essa possibilidade de um desenvolvimento mais justo se não estivermos juntos. Estar junto não é estar sempre de acordo. Estar junto é estar dialogando, é estar discutindo, é estar conversando, é observar, é olhar, como foi dito aqui, para o rosto da pessoa, e ver se o que ela está dizendo é sincero ou não. É saber adivinhar quando a pessoa deseja alguma coisa, se o desejo é justo ou não. E isso vale nos dois sentidos: também o povo tem que olhar para o Presidente, para os ministros, para os governadores e saber se o que eles estão falando é da boca para fora ou não.

Nós podemos falar com sinceridade a esse povo. Por isso estou aqui e por isso ando em todo o Brasil. A não ser um ou outro pequeno grupo que fica um pouco ultrapassado pela História, o povo brasileiro se aproxima do Presidente com a naturalidade com que deve ser mesmo, com tranquilidade, porque sabe que pode dizer o que quiser ao Presidente que o Presidente vai ouvi-lo e dará a atenção que cada pessoa merece. É consideração. A consideração não depende da posição social; a consideração dá quem quer receber também.

Quero agradecer, para finalizar estas palavras, a esse povo do Rio Grande do Norte. Eu quero agradecer muito sinceramente a todas as pequenas cidades pelas quais passei hoje.

Ainda agora, aqui, ao chegar a Touros, todas as vezes que pude estar mais perto da população senti calor humano, senti um afeto

que me reanima, senti que as pessoas, hoje, simplesmente, ao darem um aperto de mão, querem como que dizer: “Faça mais, Presidente.”

Não é um agradecimento, é um encorajamento para pedir mais. E esse pedir mais vai sempre encontrar, em mim, apoio. Quero, portanto, agradecer esta possibilidade, que para mim é realmente um prazer, de estar aqui neste fim de tarde de sexta-feira – se eu estivesse em Brasília, seria atormentado –, de estar aqui neste fim de praia, vendo este povo corajoso, bondoso, confiante, e poder olhar para esta praia... E ver aí uma placa que pede asfalto – aí já fico na dúvida, fico com a areia... Se pudesse, eu os convidaria a todos para que saíssemos juntos para tomar um banho de mar. Seria uma maravilha. Infelizmente, com o cerimonial, a imprensa, a segurança, isso não é possível. Mas desejo a vocês que aproveitem este mar maravilhoso. Peguem os peixes que puderem, façam dos peixes o instrumento de sustentação das famílias e façam tudo isso com a confiança de que amanhã será melhor.

Muito obrigado.